

NO MEIO DO CAMINHO HAVIA ALGUMAS GUERRAS: EXÍLIOS, MEMÓRIAS E IMAGENS NAS RELAÇÕES ENTRE A ITÁLIA E A EX-IUGOSLÁVIA

Gabriela Kvacek BETELLA *

- **RESUMO:** Tomando como referência dois acontecimentos históricos do século XX, a Segunda Guerra Mundial e os conflitos nos Bálcãs que levaram à desintegração da ex-Iugoslávia, este trabalho reúne algumas inferências sobre a condição do exílio na contemporaneidade por meio de observações acerca de duas obras literárias escritas em italiano: o romance *Materada*, de Fulvio Tomizza, e as memórias de Elvira Mujcic, *Al di là del caos*. Separados por quase cinquenta anos, os fatos e os relatos a que se referem podem ser analisados como realidade e representação das atrocidades que ainda hoje nos abalam. No entanto, o romance e as memórias podem ser revistos como testemunhos que se fazem pelas discontinuidades bem pensadas, como se o texto literário pudesse conter, na desarticulação entre forma e conteúdo, em ambos os casos, soluções para a representação dos momentos capazes de abalar a memória do passado e os elos com o presente, mantendo as vozes decididas a resistir.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Fulvio Tomizza. Elvira Mujcic. Exílio. Memória.

Pátrias imaginadas

Ainda que não possamos estar familiarizados com relatos, estudos e imagens (sobretudo recentes) dos efeitos do deslocamento de pessoas no continente europeu, as imagens divulgadas pela imprensa mundial nos dizem muita coisa. Se nos concentramos sobre uma determinada região que hoje inclui o nordeste da Itália (Friuli-Venezia-Giulia), a península da Ístria (ao norte, hoje região da Eslovênia e a sua maior parte pertencente à Croácia) e parte dos Bálcãs (áreas das atuais Eslovênia e Croácia, especialmente), tomando como referência a segunda metade do século XX e este início de século XXI, temos um conteúdo precioso no tocante às modificações geográficas, históricas e humanas. Das fotografias dos italianos durante o êxodo do pós-guerra da região da Ístria, passando pelos registros

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Assis – SP – Brasil. 19806-900 – gabrielakvacek@uol.com.br

dos campos de refugiados na Croácia, durante os anos de 1990 e terminando com as imagens da imensa caravana de migrantes atravessando os campos da Eslovênia neste ano de 2015, podemos estar diante de diversos retratos de uma das consequências mais graves da intolerância, os movimentos migratórios imediatos.

Tais movimentos assumem vários aspectos que interessam para uma investigação: migração forçada, deportação, emigração voluntária, sucesso ou fracasso na chegada à nova terra. O lado negativo desses movimentos está presente em muitos meios há bastante tempo. A violência histórica que se manifesta nos exílios que resultaram dos processos, por sua vez, ecoa na literatura dos que se deslocaram e dos seus descendentes que guardam as memórias. Na era dos impérios e das colônias, as vozes das vítimas são insistentes na literatura que passou a ser chamada de “pós-colonial”, termo insuficiente para captar a profundidade e a amplitude dos escritos tocados pelos fenômenos. De qualquer modo, as análises têm partido das fronteiras nacionais e étnicas para mostrar a relevância da experiência e as implicações do exílio nas formas literárias, provando que há vínculos entre os trabalhos dos que entendem o exílio e se enxergam como exilados – tanto de seus lares quanto de si mesmos.

Benedict Anderson (2006) tem um conceito de “comunidades imaginadas” (“imagined communities”), e a partir dele é possível estabelecer significativas conexões entre o exílio como tema e como condição para as narrativas. Salman Rushdie (1992) aproveitou esse conceito e adaptou a expressão que o define para “pátrias imaginárias” (“imaginary homelands”) com a atualização necessária para incorporar o sentido de pátria ou terra natal que o exilado traz no íntimo. Rushdie (1992, p. 10), indiano de nascimento, já afirmou que escritores como ele, exilados, emigrados ou expatriados, são assombrados por uma sensação de perda e por uma urgência de recuperar, de olhar para trás, mesmo com o risco de se transformar em estátua de sal. Olhar para trás implica ter profunda incerteza de que a distância física do lugar de origem quase inevitavelmente significa que não é possível recuperar o que foi perdido. Por isso, olhar para trás também significa criar ficções, cidades irreais, invisíveis, pátrias imaginadas, um país da própria mente. Rushdie (1992, p. 14) conclui que a literatura pode e talvez deva nos oferecer uma mentira confortável. Ao mesmo tempo, o escritor indaga se essa a função seria adequada para quem escreve fora de seu país, e ainda se o escritor exilado não se tornaria uma espécie de diletante dos seus próprios interesses, sem se envolver no cotidiano, sem correr riscos, sem ter a segurança ameaçada – em suma, o que daria ao exilado o direito de falar? Rushdie responde com o que observamos nos autores que examinamos aqui: a literatura se autovalida, ou seja, um livro não se justifica pelo merecimento de seu autor escrevê-lo, mas pela qualidade com a qual ele foi escrito. Há livros malsucedidos que surgem diretamente da experiência, e outros extraordinariamente bem ficcionalizados tratando de temas aos quais o autor foi obrigado a se aproximar a partir do lado de fora das situações.

Edward Said (2003), que era palestino, lembrou que o exílio foi transformado num tema vigoroso e, inclusive, enriquecedor na cultura moderna. Contudo, há alguns fatos que precisam ser ressaltados: primeiro, a perda de algo deixado para trás é uma força capaz de minar permanentemente as realizações do presente do exílio; em segundo lugar, os exilados de nosso tempo convivem com uma escala diferente dos significados de outrora, como na Antiguidade. Depois do imperialismo, das guerras modernas, das ambições totalitárias, o cenário das migrações em massa torna complicado colocar o exílio a serviço do humanismo. Para Said (2003, p. 48-49),

[...] na melhor das hipóteses, a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão; mas pensar que o exílio é benéfico para essa literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que as sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo como “bom para nós”.

[...] poetas e escritores exilados conferem dignidade a uma condição criada para negar a dignidade – e a identidade as pessoas. A partir da história deles fica claro que para tratar o exílio como uma punição política contemporânea é preciso mapear territórios de experiência que se situam para além daqueles cartografados pela própria literatura do exílio.

Diante disso, as situações que escolhemos parecem garantir certo grau de responsabilidade. Foram mencionados exilados de guerras, e é neste tema que nos concentramos, tomando como objeto a região da Europa Central chamada de Alto Adriático. O objetivo aqui é se concentrar sobre alguns aspectos da relação entre a Itália e territórios da antiga Iugoslávia em dois momentos pontuados pelas migrações: o segundo pós-guerra (que resultou na união das repúblicas iugoslavas e no governo totalitário de Josip Tito) e as guerras da ex-Iugoslávia entre os anos de 1991 e 1999 (período que resultou na divisão geográfica da Croácia, Eslovênia, Bósnia Herzegovina, Macedônia, Sérvia, Montenegro e Kosovo). Revisitamos as relações entre esses momentos a partir de exílios que produziram relatos de italianos e de iugoslavos escritos em italiano, língua falada pelos habitantes de toda a Ístria e arredores, idioma oficial e obrigatório ali desde os anos de 1920, quando a população mista de eslavos e italianos foi proibida de se expressar em outras línguas e se viu obrigada a italianizar até mesmo os nomes próprios. Logo após a Segunda Guerra, o absurdo totalitário provocou o contrário: italianos, especialmente istrianos, foram obrigados a recusar sua nacionalidade, a mudar os nomes de suas cidades e a se tornarem iugoslavos, e os que se recusassem deveriam “voltar para a Itália”, atitude que só não pode ser vista como insólita porque de fato determinou a expulsão de centenas de milhares de pessoas de um território que deixava de ser italiano.

Quase meio século depois, os conflitos que dissolveram a Iugoslávia provocaram migrações e fugas de iugoslavos de várias etnias para outros países, entre eles a Itália. A fase mais cruenta dos conflitos nos Bálcãs teve lugar na Bósnia e Herzegovina a partir de 1992, justamente na porção predominantemente multiétnica do território da antiga federação. As comunidades muçulmana e croata da Bósnia votaram a favor da independência, enquanto os servo-bósnios não só boicotaram a consulta pública, como declararam a constituição da República Srpska, uma espécie de território sérvio dentro da Bósnia que, por sua vez, teve a independência reconhecida pela União Europeia e pela Organização das Nações Unidas. A Bósnia foi ocupada em quase todo seu território por tropas paramilitares servo-bósnias, com apoio de tropas federais, em operações de limpeza étnica ou expulsão da comunidade não sérvia. Entre 1993 e 1994 a guerra se estendia e as consequências eram mais graves, com o conflito entre bósnios muçulmanos e croatas (IVEKOVIC, 1997). Estes últimos, por sua vez, também expulsaram bósnios. Quando tudo parecia ruim, o pior capítulo da guerra da ex-Iugoslávia ainda exterminou, mutilou e expulsou mais pessoas.

Um dos objetivos aqui é alinhar afinidades das consequências de dois trágicos eventos: primeiro, o chamado êxodo da Ístria, do Fiume e da Dalmácia, nos anos de 1950, com seus antecedentes que fermentaram hostilidades entre eslavos e italianos; segundo, a migração de refugiados da guerra dos anos de 1990, acolhidos em algumas localidades italianas. Colocamos em destaque a fuga de bósnios após o massacre na cidade de Srebrenica, na Bósnia, ocorrido em julho de 1995, como sabemos, considerado o maior genocídio europeu após a Segunda Guerra. O que aconteceu em Srebrenica foi um dos episódios que caracterizaram mais uma guerra dentro da guerra, causa de deslocamentos humanos que fizeram se repetir em cenas de minorias perseguidas, expulsas, refugiadas.

Os inúmeros testemunhos recolhidos e uma vasta produção literária, além da produção audiovisual (especialmente documentários e fotografias), têm contribuído para o debate de questões sobre refugiados e exilados do passado e do presente. A experiência de deixar certa tranquilidade, de abandonar seu país e sua coletividade para afrontar a violência da solidão e o prejuízo de anos de cancelamento histórico, de vida à margem, tudo isso se reflete em narrativas capazes de iluminar a reflexão histórica e de problematizar o ambiente literário. Tentaremos mostrar dois exemplos dessas acertadas escolhas motivadas por desastrosos momentos do século XX: o primeiro é um romance de ficção de 1960, capaz de repensar fatos resultantes da Segunda Guerra, e o segundo é um relato de memória de 2007, resultado das lembranças da guerra da ex-Iugoslávia. Ambos foram escritos pelos seus autores no exílio, na Itália.

Do êxodo istriano ao balcânico

O século XX assistiu a deslocamentos de pessoas em diversas situações, mas as guerras tornaram os quadros ainda mais desesperadores. Enquanto isso, tratados eram assinados com requinte e as fronteiras também se moviam. Recuando aos acontecimentos derradeiros da Segunda Guerra, a partir de setembro de 1943, quando a Itália declarou o armistício, uma tragédia dupla se consumou nas terras que constituíam as fronteiras orientais do país, a saber, na Ístria e na Dalmácia. Dispostos a limpar o território croata dos partidários e aliados fascistas, os *partigiani* iugoslavos do marechal Tito (os chamados *titini*) instauraram um regime de terror contra fascistas e não comunistas que prefigurava a “limpeza étnica” de muitos decênios depois. Para os *titini*, a maioria dos italianos era fascista. Essa primeira onda de violência toma forma de vingança de eslavos contra italianos, e acontecem atrocidades que se tornaram conhecidas apenas pelo nome das grandes cavidades do terreno da região em que eram atiradas as vítimas das torturas, assassinatos, massacres. O fenômeno das *foibe* até hoje ainda não teve a quantidade de vítimas precisada pelas investigações e depoimentos.

Na primavera de 1945, as tropas Iugoslavas ocupam Trieste, Gorizia e toda a Ístria, e a caça aos supostos inimigos continua. São enterrados nas *foibe* fascistas, católicos, sacerdotes, mulheres, crianças. O massacre atesta o ódio ideológico e expulsa quem pôde fugir dele, estendendo a perseguição política até 1947, quando o tratado de Paris ratificou a passagem da Ístria e da Dalmácia para território iugoslavo. O êxodo levou da região noventa por cento da população italiana (estimativa de cerca de 300.000 pessoas), que abandonou sua terra para buscar refúgio na Itália ou além-oceano. O êxodo aconteceu durante o período de 1943 a 1956, com períodos mais ou menos intensos. Alguns fatos tornaram-se marcos desse intervalo, além das *foibe*: a fuga em massa da cidade de Zara (hoje, litoral da Croácia), bombardeada pelos aliados, no mesmo ano; o abandono quase completo da cidade de Fiume pela comunidade italiana entre 1945 e 1947; a cidade de Pola e a perda de metade da sua população entre 1946 e 1947. Isso é parte do fenômeno que praticamente varreu a presença italiana da Ístria (OLIVA, 2011).

Vítimas do ódio étnico-nacionalista, essas pessoas são recebidas na Itália com reações que variam da desconfiança à indiferença. Alguns decidem permanecer em seu local de origem, na Ístria que se tornava iugoslava, descobrindo-se dia após dia estrangeiros no próprio país. A esses resistentes se juntaram italianos do contra-êxodo, os comunistas que procuravam a Iugoslávia para construir o futuro. Muitos tiveram os sonhos terminados nos campos de concentração iugoslavos. Paradoxalmente, os italianos na Iugoslávia sofriam da acusação de fascismo. Os que saíram, estariam em fuga do paraíso socialista; os que ficaram eram simplesmente italianos.

Fulvio Tomizza (1935-1999) nasceu na Ístria e migrou para Trieste com a família após os bens terem sido confiscados – o pai era italiano e foi preso em 1947. Tomizza voltou a Materada, sua terra natal, e estava lá em 1954, quando o chamado Memorando de Londres passou a região para a Iugoslávia. Em Trieste ele encontrou sua residência definitiva e tornou-se escritor. Considerava-se um escritor de fronteira, e sobre essa definição comentou, a partir de comparações entre obras cuja origem remete aos limites geográficos: a matéria dos escritores suspensos entre um lado e outro de uma fronteira normalmente se configura como situação extraordinária, excêntrica, talvez tão paradoxal quanto o território, a ponto de prestar-se a tratamento literário do tipo experimental, mas a realidade que movia a gente humilde de um povoado istriano do interior era uma condição de permanente instabilidade, de abusos externos e de rancores intestinos, que se concluía com o abandono do lugar de origem e se enquadrava, portanto, na marca de um destino (TOMIZZA, 1971, p. 134).

Materada é o romance de estreia de Fulvio Tomizza, no qual o clima político de 1955 é reconstruído. Nesse período, os habitantes da Ístria deveriam decidir entre permanecer na sua terra ou emigrar. O romance é um retrato de uma Ístria dilacerada e um testemunho do sofrimento de indivíduos sujeitos à violência do poder, primeiro o fascista, depois o comunista. O romance tem como fio condutor o vínculo entre o homem e a terra, os afetos e as esperanças. Dois romances seguintes de Tomizza vão completar o que o autor chamou de *Trilogia istriana*, em 1967. *La ragazza di Petrovia* (*A moça de Petrovia*, 1963) continua a trágica história da população istriana e tem como cenário um campo de refugiados no Carso, território italiano, onde as pessoas relembram seu mundo rural, para não deixá-lo desaparecer. *Il bosco di acacie* (*O bosque de acácias*, 1966) tem como protagonistas os membros de uma família de camponeses exilados que reconstroem sua relação com a terra, entre a nostalgia e a utopia, na nova propriedade conquistada no chamado baixo Friuli¹.

Os efeitos da Segunda Guerra são os temas centrais da obra de Tomizza, que foi capaz de misturar o realismo alimentado pelas influências da melhor literatura italiana dos anos de 1940 (chamado por alguns críticos de neorealismo) com a introspecção psicológica, agregando à linguagem uma interessante mistura linguística que sintetiza na forma a coexistência de muitos povos.

¹ Em 1977, *La miglior vita* (*A melhor vida*) se tornou o romance mais bem sucedido de Tomizza, especialmente por ter ganho o prêmio Strega daquele ano. Na trama são revistos cerca de cem anos da história da Ístria, experienciados dentro do microcosmo de uma paróquia convulsionada pelos eventos da guerra e pelos dramas pessoais. Tomizza ainda volta aos temas de fronteira e da procura de uma pátria no romance que será publicado após sua morte, *Il sogno dalmata* (*O sonho dalmata*, 2001), em que o enredo repassa o êxodo de dálmatas e croatas que, para escapar dos turcos, encontram asilo na Ístria, onde uma dura realidade vai extinguir as ilusões.

No romance *Materada*, o narrador-protagonista Francesco Colsovich (Franz), nascido na província, mora com a família na propriedade do tio Barba, que tinha uma relação dura com os sobrinhos, como de proprietário e colonos, os jovens Francesco e Berto eram como servos. Barba nomeia em testamento como seu único herdeiro o filho Carlo, que vive em Trieste. Com a guerra, o velho se torna ainda mais intratável, enquanto parte de sua terra era tomada pela reforma agrária. No novo governo do novo país, além de muitos impostos a pagar, não há mais os feriados e festas de antes, não há dias santos, nem Natal, nem Páscoa. A perda de identidade tem etapas relativamente rápidas, que começam pela língua que invade a região de Materada, língua que os camponeses não entendiam bem. A partir de 1954, quem se sentia incomodado poderia ir embora para a Itália, e passou a existir mais intimidação nesse sentido. Francesco, que lembrava da guerra e da libertação como igualmente portadores da miséria e da desgraça para todos, dizia que nunca iria partir, mesmo sabendo da fúria dos *titini* e de suas invasões em casas de famílias italianas.

Francesco queria ter direito às terras do tio. O rapaz vai ao juiz, mas não consegue nada, mesmo após uma conversa do magistrado com o velho proprietário, que não cede, mesmo com o risco de perder parte dos bens. Enquanto isso, as ameaças dos “estrangeiros” faziam Francesco imaginar que um dia, assim como passaram os austríacos, os italianos e os alemães também os iugoslavos iriam embora. Francesco queria a terra, mas não o regime que trouxe a dificuldade de comunicação. Logo percebe que o poder e a terra não são tudo, diante do numeroso deslocamento de trabalhadores da região para Trieste, para a América, para a Austrália, para o Canadá. Francesco decide partir ao invés de tentar incriminar o tio. A cidade está quase desabitada, mas viriam todas as raças, eslovenos, croatas, sérvios, bósnios, montenegrinos, dálmatas. Como a sinalizar a desolação, a solidão e a perda de identidade dos que ficaram, faltava luz e, no dia da padroeira, os sinos de toda a região tocaram, despedindo-se dos que deixariam o lugar, pronunciando o último adeus.

Tomizza representa o êxodo, não o exílio. Embora Francesco narre em primeira pessoa seus desafios, o caráter da narrativa é coletivo. Isso quer dizer que as cenas descritas no romance envolvem praticamente todos, o que confere o caráter coral para a obra. Os sinais de identidade coletiva são evidentes, porém expressam o que Edward Said (2003, p. 46) chamou de “fratura incurável” e, como imagens literárias, são poderosos no sentido de oferecerem a dimensão da instabilidade, num esforço de remediar a lembrança das sensações do passado e a certeza do presente, a de que a terra praticamente não existe mais. No microcosmo de Materada, naquele momento pós-guerra, tudo era rancor, injustiça e vinganças entre italianos e eslavos. Tomizza não deixa de representar esses sentimentos, porém revive o que poderia unir as pessoas em episódios quase heróicos:

Due giorni dopo era la fiera. Niente messa, niente ballo; ma la poca gente rimasta voleva far festa lo stesso. Oliva aveva tirato il collo ad una gallina e Maria la aiutava a levar le piume sotto il rovere; io e Berto ci ingegnavamo a fare i cassoni per la partenza [...] Quand'ecco la campana suonare [...] "Ma la campana suona. Cosa sta succedendo a Materada?"

"È la Madonna di agosto, cosa vuoi che succeda? Suonano per benedire le campagne" [...] "Oliva, ti sbrighi da sola per il pranzo. Io corro a vedere".

"Vengo anch'io" dissi. E in venti minuti eravamo a Materada. I pochi uomini che trovai sotto il campanile erano quasi tutti vecchi [...] Le donne salutavano, entravano in chiesa. Il gruppo di uomini si era rafforzato [...] Sedemmo nei banchi [...] Vengono avanti i ragazzi vestiti da pretini e, dietro, Bortolo Mustacchia con il libro in mano. Lui aveva sempre avuto amore per queste cose [...] "Gente mia. Oggi è la nostra fiera. Oggi è la Madonna della Neve, la santa patrona di Materada. Non era forse giusto festeggiarla come negli anni passati? [...] Perché oggi siamo ancora qui insieme, pochi ma ancora insieme, ma domani dove saremo e cosa sarà di noi tutti?"² (TOMIZZA, 1971, p. 165-166).

Os sinos das pequenas paróquias são ouvidos pela província, e não há como não imaginar algo próximo da desolação, pois o silêncio que o som característico rompe sinalizava o abandono. As badaladas que anunciavam os principais acontecimentos do lugar pareciam anunciar o fim dele. No entanto, o chamado dos sinos é familiar, identitário, comunitário. Anuncia-se o início da festa religiosa e, mesmo sem padre, ela se realiza na simplicidade quase de uma despedida, apenas com as palavras encorajadoras. Nessas últimas cenas do romance, quando Francesco tem a dimensão do significado de sua partida, pois sabe que além de deixar para trás a identidade religiosa comum e a alegria que não se faz presente nesta edição da festa, ele também terá de deixar o seu passado e a sua ascendência. A imagem que representa esse rompimento é bastante significativa:

² "Dois dias depois seria a festa. Nada de missa, nada de baile, mas a pouca gente que ficou queria fazer a festa mesmo assim. Oliva tinha torcido o pescoço de uma galinha e Maria a ajudava a tirar as penas debaixo do carvalho; eu e Berto nos esforçávamos a fazer as caixas para a partida [...]. Quando eis que o sino toca [...]. 'Mas o sino está tocando. O que está acontecendo em Materada?'"

'É a Nossa Senhora de Agosto, o que você queria que fosse? Tocam para abençoar os campos' [...]

'Oliva, apresse-se sozinha para o almoço. Eu vou correndo para ver'.

'Eu também vou', disse. E em vinte minutos estávamos em Materada. Os poucos homens que encontrei debaixo do campanário eram quase todos velhos [...]. As mulheres cumprimentavam, entravam na igreja. O grupo de homens foi reforçado [...]. Sentamos nos bancos [...]. Vêm à frente os rapazes vestidos de padres e, atrás deles, Bortolo Mustacchia com o livro na mão. Ele sempre teve amor por essas coisas [...]. 'Minha gente. Hoje é a nossa festa. Hoje é dia de Nossa Senhora da Neve, a santa padroeira de Materada. Não seria justo festejá-la como nos anos passados? Porque hoje ainda estamos aqui juntos, poucos, mas ainda juntos, mas amanhã onde estaremos, e o que será de nós todos?'" (TOMIZZA, 1971, p. 165-166, tradução nossa).

Si uscì dalla chiesa e si entrò nel cimitero che è a due passi. [...] E già si sentivano di lontano le campane di Buje, poi quelle di Carsette, di Verteneglio, di Petrovia e San Lorenzo. L'erba del cimitero era alta e secca, e copriva tutte le tombe. Le donne avevano intonato il canto alla Madonna [...] Cessarono le altre campane; soltanto la nostra resistette ancora per poco. Poi mostrò di voler finire anch'essa; ormai dava soltanto qualche forte e singolo rintocco come scrollandosi tutta prima di morire. Anche il canto cessò. Ora non si sentiva che il caldo e i passi delle donne che strisciavano tra l'erba. [...] "Addio ai nostri morti disse forte una donna".³ (TOMIZZA, 1971, p. 167).

A obra de Tomizza parece demonstrar alguma afinidade teórica com as ideias de Maurice Halbwachs (1990) voltadas para a tentativa de comprovar a inexistência de memórias individuais. Para o sociólogo francês, a memória individual seria apenas um ponto de vista sobre a memória coletiva. Esse ponto de vista estaria condicionado pela situação do presente da rememoração: acontecimentos, quadros sociais, grupos identitários. Do mesmo modo, o esquecimento coletivo tem como expressão o esquecimento individual, condicionado no presente pelo ato de deslembrar, povoado de desapego a determinados grupos.

A jornalista e escritora Anna Mori (1936-), exilada da cidade de Pola, em 1946, é autora de romances e responsável por um dos melhores registros audiovisuais sobre os fenômenos da fronteira: *Istria: 50 anni di solitudine* ('43-93), de 1993. Mori (2006, p. 8) sintetiza muito bem numa só frase o sentimento reivindicativo e a memória dos exilados istrianos: "Nasci na Ístria, e sou italiana". A sentença, capaz de recolher o passado e dar a dimensão do presente inaceitável, soa semelhante a outras histórias de expatriados que não se reconheceram na nova condição, na nacionalidade imposta. A história da família de Anna Mori foi publicada em 2006, não por acaso com o título *Nata in Istria*.

Se as narrativas tiveram impulso graças à instituição do *Giorno del Ricordo* (Dia da lembrança), em 2004⁴, que se tornou uma espécie de ressarcimento moral às vítimas do êxodo e também das que morreram nos massacres das regiões de fronteira entre a Itália e a ex-Iugoslávia, é preciso lembrar o processo de reconhecimento dos fatos negados por pelo menos 50 anos, ligados aos três

³ "Saía-se da igreja e entrava-se no cemitério, que é perto. [...] E já se sentia de longe os sinos de Buje, depois os de Carsette, de Verteneglio, de Petrovia e San Lorenzo. A grama do cemitério era alta e seca, e cobria todos os túmulos. As mulheres haviam entoado o canto de Nossa Senhora [...] Os outros sinos pararam; somente o nosso resistiu ainda por um tempo. Em seguida, ele mostrou que também queria terminar, então dava somente algum repicado forte e único, como se sacudisse todo antes de morrer. O canto também cessou. Agora não se ouvia nada além do calor e dos passos das mulheres que resvalavam pela grama. 'Adeus aos nossos mortos, exclamou com força uma mulher'." (TOMIZZA, 1971, p. 167, tradução nossa).

⁴ A lei de 30 de março de 2004, n. 92, reconhece o dia 10 de fevereiro como *Giorno del ricordo* para conservar e renovar a memória da tragédia das *foibe*, do êxodo dos istrianos, fiumanos e dálmatas.

grandes episódios trágicos da última fase da Segunda Guerra e nos anos seguintes: o atentado de Porzûs, o massacre das *foibe* e o deslocamento em massa da Ístria, da Dalmácia e das províncias da atual fronteira oriental da Itália. Em meio a esse processo, é necessário destacar que alguns ambientes político-culturais italianos não receberam bem as manifestações tidas como “mitificações” dos eventos com escopo anticomunista, antipartigiano e racista entre outros fatores (que incluem dados materiais, números e descrições), por estabelecerem ligações com os crimes de guerra italianos e iugoslavos cometidos especialmente na Ístria. Aos poucos, a literatura foi ocupando os diversos terrenos ideológicos com as memórias desses acontecimentos e com a ficção. Algumas obras puderam se destacar pela capacidade relativizadora promovida durante a leitura, sobretudo por desvincular as vítimas das convicções político-ideológicas, aproximando esse estado desprendido das condições em que as pessoas de fato se encontravam quando foram ceifadas de suas terras ou nelas foram tiradas suas vidas.

O que permanece após o êxodo, além do exílio

A questão istriana voltou ao debate justamente com a crise da Iugoslávia nos anos de 1990. Para tratar de um fenômeno mais próximo de nosso tempo, que também resultou em exílios forçados, é necessária uma nota histórica sobre um determinado episódio da guerra da ex-Iugoslávia. A Bósnia, território mais multiétnico antes da guerra, era também o mais próspero economicamente. Conviviam sob relativo progresso industrial bósnios, servo-bósnios e croato-bósnios. Quando Sarajevo já estava ocupada, as Nações Unidas declararam como área protegida a cidade de Srebrenica, na Bósnia oriental, há meses assediada. Foram enviados para lá os soldados conhecidos como “capacetes azuis” para proteger a população. Em julho de 1995, uma unidade paramilitar sérvio-bósnia comandada pelo general Ratko Mladic invade a cidade, e as forças internacionais não intervêm, por motivos que ainda suscitam especulações. Mais de 8000 homens, de meninos a idosos bósnios muçulmanos feitos prisioneiros são fuzilados e jogados em valas comuns, alguns ainda vivos, muitos mutilados. Muitas mulheres são deportadas para a cidade de Tuzla, obrigadas a seguir a pé, sem comida e sob o perigo dos bombardeios aéreos e das minas no solo. Há relatos de estupros e violência contra mulheres e crianças (CHIODI; ROSSINI, 2011, p. 242-244). Os desaparecidos no genocídio foram milhares (cerca de um terço dos desaparecidos da Bósnia estão ligados a Srebrenica), e os principais responsáveis demoraram a ser julgados⁵.

⁵ A população de Srebrenica, naquele julho de 1995, havia procurado abrigo junto ao complexo das tropas da ONU, formada por enviados da Holanda. Pressionados pelas milícias e sem ter o pedido de reforço atendido, as tropas de paz da ONU obrigaram as famílias muçulmanas a sair dali. Os invasores então organizaram a população de modo a executar os homens e estuprar, assassinar e expulsar mulheres e crianças. Pretendiam o extermínio de cerca de 40 mil bósnios que vivam em Srebrenica.

Os sobreviventes do massacre voltaram lentamente para sua terra ou permaneceram exilados. Os que voltaram estiveram dispostos a conviver com centenas de servio-bósnios de outras partes, mas as maiores dificuldades estiveram ligadas à penosa tarefa de reconstruir a vida no local onde os piores crimes de guerra haviam sido cometidos, onde se podia encontrar a lembrança viva e, sobretudo, saber que os culpados estavam em liberdade, em alguns casos, morando nas redondezas, ou mesmo na casa ao lado. Tudo mudou, embora alguns depoimentos ressaltem que puderam voltar às suas casas, com os mesmos vizinhos. Eles também destacam que é sempre preciso checar primeiro a nacionalidade, que passou a importar nas relações pessoais e nos simples cumprimentos na rua. Não houve um sentimento de cidadania na região de Srebrenica, onde dramáticas contradições emergiram. Assim, o que poderia ter sido intervenção humanitária tornou-se inadequação e manipulação de lideranças nacionalistas da ex-Iugoslávia.

A identidade coletiva, como vimos na perspectiva de Fulvio Tomizza, pode ajudar a conferir um valor ideológico ao tratamento genérico das vítimas. Ainda que a pessoa desapareça, temos a força do caráter coral, matizado pela primeira pessoa ficcional. Por outro lado, o testemunho, as memórias recolhidas dos sobreviventes, demonstram a importância na individualização do depoimento, assim como o registro gravado num memorial como o de Portocari parece dar voz a cada um dos nomes. A pessoa ressurgue. Este é o ponto de vista de inúmeras memórias de situações-limite como as dos sobreviventes de episódios marcantes de conflitos envolvendo violência⁶.

Elvira Mujic (1980-), que morou até os 12 anos em Srebrenica, sobreviveu ao genocídio porque havia fugido antes. Foi para a Croácia com a mãe e os irmãos. Seu pai está entre os desaparecidos de Srebrenica. Após um ano vivendo num campo de exilados, a família conseguiu sair da Croácia graças a um projeto humanitário que os leva para a Itália. Elvira viveu em Brescia, formou-se em línguas e literaturas estrangeiras na Universidade Católica de Milão e mudou-se para Roma. *Al di là del*

Em 1996, os corpos depositados em vala comum primária foram deslocados para fossas secundárias ou terciárias, em outras localidades, na tentativa de encobrir os crimes, dificultando os trabalhos de identificação. Houve casos em que os restos mortais apresentavam sinais de que os corpos haviam sido atropelados por caminhões ou buldozers. Em 2013, a Suprema Corte dos Países Baixos decidiu que o país era responsável pelas mortes de três muçulmanos bósnios durante o massacre de 1995. Embora mínima, a decisão foi histórica, porque abriu o precedente jurídico de que países envolvidos em missões da ONU podem ser legalmente responsáveis por crimes, quebrando a imunidade da Organização.

⁶ No que diz respeito às guerras da ex-Iugoslávia, há muito a destacar em literatura escrita em língua italiana. Dubravka Ugresic é autora de romances importantes, entre os quais *Il museo della resa incondizionata*, de 2002. Em 2008, Margaret Mazzantini publica *Venuto al mondo*, sucesso editorial, romance premiado que dá origem ao filme de Sergio Castellitto, em 2012. Em 2008 também aparece *Racconti di guerra*, da istriana Nelida Milani. Três livros saem em 2009: de Elvira Mujčić (bósnia), *E se Fuad avesse avuto la dinamite?*; de Anilda Ibrahim (de origem albanesa), *L'amore e gli stracci del tempo*; de Slobodan Kačić (de origem sérvia), *Le ceneri e il sogno*.

caos: cosa rimane dopo Srebrenica (Do lado de lá do caos: o que resta depois de Srebrenica) é seu primeiro livro, que se junta a outras narrativas em língua italiana sobre os eventos dos Bálcãs, muitas escritas por mulheres.

O livro de Elvira Mujcic é sustentado pela memória da fuga de sua terra. A narrativa se divide entre a Itália, os Bálcãs do passado e do presente, para onde a protagonista retorna em 2004 e reencontra o avô. As descrições são de desolação, ao lado da perda da ilusão de que seria possível voltar ao passado através da visão dos lugares da infância, paisagens reviradas pela guerra. Há uma raiva pelo passado perdido, pelos entes queridos desaparecidos e por uma justiça que ainda não foi feita. A protagonista das memórias afirma que Srebrenica, cidade de sua infância, tornou-se um fantasma e retornar ali era a ocasião tanto para recordar quanto para esboçar para os leitores o antes e o depois. A narrativa assume um teor introspectivo e ao mesmo tempo oferece, por meio de uma tomada geral dos efeitos das imagens do presente, um panorama de Srebrenica imediatamente antes da guerra:

Mi poggiavi alla ringhiera arrugginita. Chiusi gli occhi e wow... Sentivo il profumo della nostalgia, l'odore piacevole del passato. Il vento mi scostò i capelli, l'albero enorme davanti alla scuola fece vibrare le foglie; lui era ancora lì, calmo e statuario. Richiusi gli occhi, potevo sentire le risate, le grida. Mi pareva di rivederli tutti, pronunciavo nomi da tempo dimenticati. Tutto era a colori; la scuola, i vestiti degli alunni, i chioschi [...] Poi i colori hanno preso a sbiadire. Ero in classe, eravamo in pochi, solo musulmani. Si diceva che i serbi fossero andati via perché sarebbe iniziata la guerra [...] Ho aperto gli occhi. Il mondo era in bianco e nero. Nessun bambino intorno alla scuola, niente maestre.⁷ (MUJIC, 2007, p. 93-94).

As imagens que retornam refazem o passado, porém elas são emolduradas pelas duras imagens do presente: o corrimão enferrujado, a sensação de perda das cores e da presença do preto-e-branco ou de uma irrealidade do real surgem para destacar ainda mais as imagens da memória, cujo “gatilho” é a reminiscência do ato de subir as escadas. Com um procedimento que inverte a maneira tradicional do cinema apresentar imagens que se referem ao passado, o presente é descolorido pela narrativa que acontece após um período de cegueira momentânea, conforme a narradora exprime ao justificar suas intenções, distantes de provocar vinganças

⁷ “Apoiei-me no corrimão enferrujado. Fechei os olhos e uau... Sentia o perfume da nostalgia, o cheiro prazeroso do passado. O vento dispersou meus cabelos, a árvore enorme diante da escola balançou as folhas; ele ainda estava ali, calmo e como estátua. Tornei a fechar os olhos, podia ouvir as risadas, os gritos. Parecia que eu os revia todos, pronunciavo nomes há tempos esquecidos. Tudo era colorido, a escola, as roupas dos alunos, os quiosques [...] Depois as cores começaram a desaparecer. Estava em aula, éramos poucos, somente muçulmanos. Dizia-se que os sérvios teriam ido embora porque começaria a guerra [...] Abri os olhos. O mundo era em preto-e-branco. Nenhuma criança perto da escola, nenhum professor.” (MUJIC, 2007, p. 93-94, tradução nossa).

(MUJCIC, 2007, p. 108), afinal não é isso que ela busca, confessadamente, para deixar claro que sua atitude não se confunda com expressão de ressentimento.

Contudo, permanece a ideia de sensibilizar o leitor, já que os fatos sobrevivem às lembranças individuais e podem até se sobrepor. Dizendo de outro modo, ainda que as lembranças da narradora sejam as mais singelas e despertadas pelos espaços e objetos mais banais, o afastamento que intensifica o efeito da recordação foi provocado pelo massacre de Srebrenica. A cegueira momentânea tem como causa a tragédia dos outros.

Há momentos no livro em que não se pode deixar de observar a amargura natural de quem se lembra de uma guerra, especialmente quando se fugiu dela. Porém, a narrativa não se contamina com o rancor, deixando transparecer o processo que se desenvolveu desde a fuga até o retorno e a criação literária baseada na memória. O texto exprime a delicada relação entre a vitalidade do relato e os temores da perda e do inexorável passado:

*All'improvviso ripresi tutto, tutto quello che un tempo era mio e che credevo di aver perso nella perdita materiale dei simboli che lo rappresentavano. In realtà non avevo perso i primi 12 anni della mia vita. Certo, non avevo più nulla che li rappresentasse, ma la vita non è tale perché c'è qualcosa che la ricorda. La vita è perché dentro di noi tutto ciò che abbiamo vissuto continua a dimorare e noi siamo quello che quella vita ha fatto sì che fossimo. Ogni singolo passo mosso per le strade di Srebrenica scatenava miliardi di ricordi e io non li scacciavo; forse non ero io ad avere il coraggio, forse erano le pastiglie di serotonina a farmi da scudo. Dentro di me piangevo, poi ridevo, poi piangevo e così all'infinito.*⁸ (MUJCIC, 2007, p. 100).

A autora parece descobrir o valor da memória através de sua reorganização. Se linguagem e memória podem entrar em crise devido à dificuldade de encarar os efeitos devastadores, o discurso é reorganizado em função da realidade particular e sua forma incorpora a fragmentação como característica fundamental (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 62). As dificuldades de expressão são superadas com a incorporação de diferentes recursos, inclusive os elementos de outras artes, especialmente a fotografia, sobretudo em preto e branco, que marcou as lembranças da guerra dos anos de 1990. Ao lado disso, a obra poderá transparecer o desejo

⁸ “De repente, lembrei-me de tudo, tudo aquilo que um dia era meu e que acreditava ter perdido em meio à perda material dos símbolos que o representavam. Na verdade, eu não havia perdido os primeiros 12 anos da minha vida. Certo, não tinha mais nada que os representasse, mas a vida não é de um jeito porque existe qualquer coisa que a recorde. A vida é porque dentro de nós tudo aquilo que vivemos permanece e nós somos aquilo que a vida fez sim o que fôssemos. Cada único passo dado pelas ruas de Srebrenica desencadeava bilhões de lembranças e eu não as perseguia; talvez não fosse eu a ter a coragem, talvez fossem os comprimidos de serotonina a servir de escudo. Dentro de mim eu chorava, depois ria, depois chorava e assim infinitamente.” (MUJCIC, 2007, p. 100, tradução nossa).

imperioso da sobrevivência, para que a experiência dos que não mais podem registrá-la, dos que não podem mais ser testemunhas de si mesmos. Para Giorgio Agamben (1998), o trabalho da memória é fundamental para o registro testemunhal, porém ele só se constitui por meio da lacuna, da dissociação discursiva e do movimento descontínuo do relato, espelhando a máxima de que o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta, ou seja, o que não se pode descrever, nem ser apreendido e simbolizado com palavras. A desarticulação pensada entre forma e conteúdo constitui um dos achados para a representação, por meio da memória, de fatos que desarticularam o passado.

Após seu exercício de convivência com o passado em *Al di là del caos*, o sentimento de culpa por ter sobrevivido ao genocídio vai se dissipando, embora os mortos permaneçam para que a Bósnia seja lembrada, para que sobreviva um “[...] *leggero dolore per tutto ciò che non è potuto essere* [...]”, ao lado de “[...] *un pizzico di gioia per tutto ciò che avrebbe potuto non esserci* [...]”⁹ (MUJČIC, 2007, p. 110)

Nesta altura, gostaríamos de lembrar uma força motora comum a Tomizza e Mujčic, que ultrapassa as questões trazidas já nos títulos das obras: se Tomizza perpetua o nome da terra natal, ainda que as imagens do romance apresentem uma cidade deserta, Mujčic retoma uma das formulações mais conhecidas de Theodor Adorno – que se referiu, em 1949, à possibilidade de fazer poesia após Auschwitz – ao inserir um subtítulo – “o que resta após Srebrenica” – para devolver aos leitores questões sobre a possibilidade de recomeçar após o terror, e talvez para estabelecer um diálogo com formulações do pensador alemão. Para Adorno e Horkheimer (2006), fazer poesia após Auschwitz não poderia significar uma fuga da realidade, porque a dimensão estética deve representá-la, como necessidade de um novo começo. Contudo, é o próprio Adorno quem adverte sobre os perigos do processo de memória e esquecimento, por não permitir a superação do passado, deixando que ele continue existindo para uma consciência ser continuamente transformada em “boa consciência” – “[...] um conformismo com a reprodução do que é sempre o mesmo.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 126).

Aproveitando um dos mais vivazes raciocínios sobre as migrações, levando em conta os fatos aqui lembrados, apenas uma parte de um século de tantas contradições. Otávio Ianni (2004, p. 153) nos esclarece o seguinte sobre o migrante:

Está impregnado de um passado que nunca se apaga, mesmo quando é esquecimento. Ressoa sempre contínua e episodicamente, nas coisas, gentes, situações, sentimentos, imaginários, sonhos e alucinações. É um passado que povoa o presente, seja qual for a geração. No contraponto de presente e passado,

⁹ “[...] a leve dor por tudo aquilo que não pôde ser [...]” e “[...] um tiquinho de alegria por tudo aquilo que poderia não ter existido [...]” (MUJČIC, 2007, p. 110, tradução nossa).

passado e presente, aos poucos se dá a metamorfose das adversidades em façanhas, da biografia em gesta, da história em mito.

E o presente se impõe sempre como uma realidade viva, inquestionável. Pode ser prosaico, estranho, assustador ou fascinante. Aí acontece o êxito e a realização, tanto quanto o desespero e a alucinação.

Os autores que apresentamos transformaram a sensação vivida no seu presente, tempo que não oferece respostas, em criação literária. Sobre os mesmos temas e episódios da história, muitas propostas audiovisuais também lançaram argumentos, fatos e contradições ao debate. Contudo, parafraseando Otávio Ianni (2004), tudo na gesta dos exilados é vivência. Preparados por Adorno (2010, p. 29) quando nos advertia que elaborar o passado “[...] não significa elaborá-lo a sério, rompendo seu encanto por meio de uma consciência clara, e o que se pretende, ao contrário, é encerrar a questão do passado, se possível inclusive riscando-o da memória [...]”, acreditamos que a dimensão estética de obras como as que apresentamos podem ser importantes para examinar o conteúdo de experiências como contribuição ao nosso crescimento cívico e entendimento de um vasto processo de transculturação, de encontro, de cruzamento, de reafirmação e de transformação de muitas identidades, em tempos que assistiram e ainda testemunham tensões étnicas, linguísticas e religiosas que permeiam ou recobrem os motivos econômicos que alimentam idiossincrasias de todos os tipos. Para tanto, todos os recursos parecem atestar validade.

BETELLA, G. K. In the middle of the way there were some wars: exiles, memories and images in the relationships between Italy and the former Yugoslavia. **Itinerários**, Araraquara, n. 43, p. 43-58, jul./dez. 2016.

■ **ABSTRACT:** *Taking as reference two historical events of the 20th century, the Second World War and the Balkan conflicts that led to the disintegration of the former Yugoslavia, this work assembles some inferences about the condition of exile in the contemporaneity by means of observations on two literary works written in Italian: the novel Materada by Fulvio Tomizza and the memoirs by Elvira Mujcic, Al di là de caos. Separated by almost fifty years, the facts they refer to and their accounts can be analysed as reality and representation of the atrocities that shake us even today. Nevertheless, the novel and the memoirs can also be seen as testimonies that are made by well-thought discontinuities, as if the literary text could contain, in the dislocation between form and content, in both cases, solutions to the representation of moments capable of unsettling the memory of the past and the links with the present, keeping the voices decided to resist.*

■ **KEYWORDS:** *Fulvio Tomizza. Elvira Mujcic. Exile. Memory.*

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- AGAMBEN, G. **Quel che resta d'Auschwitz**. Milano: Boringhieri, 1998.
- ANDERSON, B. **Imagined communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. London: Verso, 2006.
- CHIODI, L.; ROSSINI, A. La guerra ai civili nella guerra di Bosnia-Erzegovina (1992-1995). **Deportate, Esuli, Profughe**, Venezia, n. 15, p. 240-245, genn. 2011.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Vértice, 1990.
- IANNI, O. Uma longa viagem. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 153-166, jun. 2004.
- IVEKOVIC, I. O drama iugoslavo – identidade: ideias preconcebidas, manipulações políticas e falsificações históricas. Tradução do inglês Clarice Cohn. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 47, p. 36-61, mar. 1997.
- MORI, A. M. **Nata in Istria**. Milano: Rizzoli, 2006.
- MUJICIC, E. **Al di là del caos**: cosa rimane dopo Srebrenica. Roma: Infinito, 2007.
- OLIVA, G. **Esuli**. Dalle foibe ai campi profughi: la tragedia degli italiani di Istria, Fiume, Dalmazia. Milano: Mondadori, 2011.
- RUSHDIE, S. **Imaginary homelands**: essays and criticism – 1981-1991. New York: Penguin Books, 1992.
- SAID, E. Reflexões sobre o exílio. In: _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p. 46-60.
- SELIGMANN-SILVA, M. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: _____. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003. p. 59-85.
- TOMIZZA, F. **Materada**. Milano: Mondadori, 1971.

Recebido em 31/10/2016

Aceito para publicação em 14/05/2017

